

# Mocidade Cristã

Ano XVIII

Julho a Setembro de 1956

Número 72

## Luz no Crepúsculo

Puxa a cortina um bocadinho para traz, minha querida Anita, para eu poder ver o pôr do sol, e traze a tua cadeira para o pé de mim, e lê-me alguma coisa... alguma coisa que me dê consolação. Dizendo isto a jovem doente deu um suspiro de cansaço, voltando-se irrequieta de um lado para o outro, ora observando, com um olhar perturbado, os movimentos da sua irmã que se apressava a satisfazer-lhe o pedido, ora fixando os seus grandes olhos brilhantes na ampla janela do seu quarto, pela qual se via claramente o pôr do sol que tinha um brilho desusado para uma tarde de inverno.

Porém não era no pôr do sol que a jovem enferma pensava, nem em nenhuma luz terrestre, visto que daí a pouco murmurou baixinho: «No crepúsculo haverá luz... no crepúsculo haverá luz» (Zach. 14:7). Em seguida disse com profundo sentimento, — «Ai, Anita, Anita, chegou AGORA o crepúsculo para mim, mas para mim não há luz, não há luz!

A irmã chegou-se para mais perto dela e apertou nas suas a mão descarnada e ardente que estava fora da coberta, e ao olhar com afeto para o rosto perturbado daquela que lhe era tão querida, no seu próprio rosto se refletiu igual perturbação.

Por algum tempo nenhuma delas falou, mas apertaram mais as mãos; então a enferma, mais uma vez, quebrou o silêncio.

— Minha Anita, dize-me, dize-me com verdade, se estivesses nos meus casos, se estivesses moribunda, terias

tu medo?... Não me contradigas, eu sei agora que estou a morrer... ouvi tudo quanto o médico disse ontem... Não te aflijas, minha manazinha, é melhor que eu o saiba, se não tivesse ouvido, decerto não teria adivinhado, porque me não sinto assim tão doente!

Anita baixou a cabeça com tristeza; não podia responder. A sentença de morte tinha sido proferida na noite anterior; e tôdas as esperanças se tinham perdido quando o bondoso médico, que a tinha conhecido desde pequena, e que a amava como sua própria filha, dissera: «E' só uma questão de uma semana ou duas no máximo — nem mesmo tanto, se a molestia continua a fazer os mesmos rápidos progressos».

Era isto o que ele pensava, e a família tinha ouvido esta sentença com a agonia que só pode ser compreendida por aquêles que, ao menos uma vez na sua vida, ouviram palavras que lhes dizem que a vida pela qual dariam a sua própria, se está apagando rápida e inevitavelmente, que não há amor, nem cuidados ternos, que possam prender à vida o ente amado, mas que, pelo contrário, em breve, a separação, que parece tão terrível, tem de vir.

Um soluço mal reprimido foi a única resposta que Anita deu à sua irmã. Cada uma delas pensava na outra. Então, ao ser inundado o quarto por uma onda de luz doirada, a jovem enferma repetiu a sua pergunta:

— Terias tu medo, Anita? responde-me.

— Eu não sei, minha querida Helena;

é difícil saber de antemão. Parece-me que não o teria e — murmurou ela — tu tens Jesus, e Jesus há-de estar contigo e te guardará até ao fim.

— Mas eu não tenho certeza e lembra-te, Anita, que é para sempre, para sempre. Preciso não me enganar agora. Que posso eu fazer para ter certeza? — E tremendo de comoção, com o rosto corado pela excitação, levantou-se um pouco sobre o cotovelo e fixou o olhar na cara da irmã.

— Mas, minha Helena, nós ambas viemos para Jesus, não é verdade? e juntas lemos na Sua própria Palavra do Seu amor, e do Seu desejo de nos receber. Lembras-te, de certo, do dia em que descobrimos que eramos pecadores e que necessitávamos de um Salvador, e nos chegamos para Jesus. Eu nunca tive dúvidas desde então e não pensava que tu as tivesses.

— Eu nunca tive certeza como tu tinhas Anita, e a noite passada, quando ouvi o doutor dizer que tinha de morrer, e morrer em breve, fiquei horrivelmente aterrada. Eu sentia-me feliz, às vezes, quando cantávamos hinos juntas e quando chegavam cartas com versículos das Escrituras que vinham desfazer as minhas negras dúvidas. Parecia-me, às vezes, que via tudo claro por um momento, mas depois voltavam as dúvidas, e agora tenho tanto medo, e não posso achar alívio.

— Olha para Jesus, querida Helena, — disse a irmã a tremer, mal sabendo, no seu profundo amor, tristeza e ansiedade, o que havia de dizer.

— Sim, mas minha Anita, Ele poderia esquecer-Se de mim; eu sei pouco a respeito d'Ele, e não O tenho servido . . . eu não O conheço bastante para morrer descansando

n'Ele, Anita . . . Ele poderia desamparar-me . . . É como se houvesse um grande rio medonho defronte de mim, e eu tenho medo de descer sozinha às suas profundas águas negras.

Estas palavras foram ditas debaixo dum forte comoção, e o corpo emagrecido estremecia, como se estivesse numa agonia mortal. Diante dela estava a eternidade em toda a sua solenidade, e tudo a que ela se tinha agarrado na terra lhe estava fugindo, e na sua alma não existia a certeza de que por baixo dela estavam os «Braços Eternos».

Estas duas jovens irmãs, das quais a moribunda era a mais velha, havia ainda muito pouco tempo que tinham sido despertadas a sentir a sua condição perdida diante de Deus e a necessidade que tinham de um Salvador, por terem lido um artigo num pequeno jornal evangélico. Anita, a mais nova, tinha logo, em simples, fé, aceitado Jesus como seu Salvador, e a Sua morte, o derramamento do Seu sangue, como expiação dos seus pecados. Não tinha dúvida a esse respeito. No próprio momento em que descobriu a sua necessidade, foi-lhe apresentado Um que podia suprir essa necessidade, e ela recebeu-O, e desde então confiadamente descansava n'Ele.

Com Helena o caso foi diferente. Embora despertassem para o fato da sua necessidade, ela nunca tinha ainda exposto francamente a necessidade da sua alma perante Jesus, para que Ele a surpreasse de uma vez. Tinha havido reservas no seu coração, dúvidas no seu espírito; e agora que tinha a morte diante de si, como ela dizia: «não O conheço bastante para morrer descansando n'Ele'.

Por um instante, depois de Helena ter acabado de falar, a sua irmã encostou a cabeça à mão, pedindo em silêncio ao Senhor Jesus, em Quem

tinha confiado com tanta simplicidade, que viesse esclarecer a alma de sua irmã. Em seguida disse Helena, Jesus não quer que tu desças sózinha às aguas negras da morte; Ele irá contigo. Eu conheço-O bastante para saber que nunca se esquecerá de ti, nunca te abandonará, se confiares n'Ele. Eu gostaria de explicar-te melhor, mas sei que há um versículo na Bíblia onde se lê que Ele nunca abandonará ninguém que vem para Ele; quem me dera agora saber onde este versículo se encontra.

A moribunda tinha caido sobre a almofada completamente exausta, mas ergue-se agora de novo, e disse com ansiedade — Procura-o, e mostra-mo na própria Bíblia, Anita, porque em nada mais posso crer agora! Oh, se dissesse que Jesus nunca me desampararia! e a cor nas suas faces aumentou assustadoramente.

Receiosa das conseqüências de tão grande excitação, Anita disse com carinho, — «Vê se estás quietinha por um pouco agora, e faze a diligência por socegares, e amanhã eu o procurarei e hei de ler-te o versículo.

— Amanhã! respondeu Helena — posso não estar aqui amanhã, e posso, talvez, estar no inferno. «Pode vir muito de repente no fim, e ela pode morrer de um momento para o outro» acrescentou ela, citando as proprias palavras do medico. Depois de um aumento de silencio disse, — Isto para mim não é nada tão prejudicial, Anita, como estar por aqui a pensar no caso sózinha, como tenho estado enquanto não tiver certeza de que Jesus me há de receber a mim e não me abandonará.

Anita, reconhecendo a verdade das suas palavras, abriu a sua Bíblia, procurou com cuidado os versículos que desejava; mas ainda era muito nova na fé, e conhecia pouco as Escrituras e portanto virou pagina após pagina

do precioso Livro, examinando-as cuidadosamente mas sem resultado, enquanto sua irmã a observava com uma ansiedade quase impaciente.

Aquela curta tarde estava acabando rapidamente; o último raio do sol estava quase a desaparecer, e Anita estava curvada sobre a sua Bíblia quando se ouviu bater à porta do quarto e a criada entrou trazendo o correio da tarde.

Havia várias cartas e pacotes, mas apenas um, um pequeno impresso parecia interessar a moribunda; e logo que a criada fechou a porta, depois de ter acendido o candieiro e puxado as cortinas, ela disse apressadamente e com ansiedade, — Talvez Deus me mande uma mensagem aqui, Anita. Ele já, uma vez, nos mandou uma por este meio; abre-a já.

Certamente o Senhor na Sua compaixão e amor por aquêle pobre coração ansioso e dorido, enviou aquêle jornalzinho como um mensageiro silencioso naquêle mesmo momento. O impresso continha a história tocante da conversão, e do modo como partiu deste mundo, d'um jovem médico.

A ponta do invólucro do pequeno jornal estava metida entre as páginas 12 e 13, sem dúvida sem premeditação da parte de quem o mandou mas certamente pelo desígnio d'Aquêle que até conta os cabelos da nossa cabeça, de modo que quando Anita, a pedido da sua ansiosa irmã, rasgou o invólucro apareceu a página 13 aberta diante dela, e as primeiras palavras que leu foram estas: «As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz e Eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca percerão, e ninguém as arrebatará da Minha mão. Meu Pai que M'as deu, é maior do que todos, e ninguém pode arrebatar-las da mão de Meu Pai (João 10:27-29). Então não bastará

isto?» Em reverente admiração e louvor ela leu todo o parágrafo, com a pergunta no fim, que era exatamente a pergunta do seu próprio coração à sua irmã.

— Ai tens Helena, — disse ela, — os próprios versículos que eu queria encontrar; o próprio Deus t'os mandou diretamente. Agora crerás nêles, não é assim?

O temor, a admiração e a esperança, e como que um sentimento de alívio transpareceram ao mesmo tempo no rosto daquela moribunda.

— Dá-me o livro Anita — murmurou ela brandamente — e o meu Testamento, e põe o candieiro ao pé de mim, e deixa-me sózinha por um pouco; nada receies, minha querida irmã, prometo-te que tocarei a campainha se me sentir pior, ou quando quizer que voltes. Anita levantou-se e obedeceu-lhe, só tentando persuadir a irmã a tomar um copo de leite que tinham acabado de trazer-lhe.

Passou-se uma hora, e Helena não chamava, e Anita não se atrevia a voltar ao quarto, mas depois de decorrer quase outra hora, ela dirigiu-se à porta e abriu-a mansamente. Não se ouvia nada. Entrou sem fazer barulho no quarto, quase com medo de olhar para a cama. Mas os seus receios não tinham razão de ser; o que ela observou encheu-a de alegria. Helena estava dormindo tranquilmente com um meio sorriso nos lábios entreabertos e na sua jovem fisionomia notava-se uma aparência de paz perfeita como Anita nunca lâ tinha visto. O livrinho com os preciosos versículos da própria Palavra de Deus, estava ao lado dela justamente onde toda a luz do candieiro brilhava sobre ele, enquanto que com uma das mãos ainda agarrava o Novo Testamento, aberto no capítulo 10 do Evangelho de João, como se ela tivesse procurado e encontrado as palavras na sua própria Bíblia; e

o socego que elas tinham dado à sua alma, tinha-se estendido também ao corpo. Anita sentou-se e vigiou a doente, até que por fim começou a receiar que a sua querida irmã nunca mais tornaria a acordar, e então levantou-se, cheia de cuidados, para ir chamar a mãe e o resto da família, orando sempre, e com que ansiedade, para que pudesse ainda ouvir uma palavra, uma só palavra que fosse, dos seus lábios que a pudesse certificar de que a aparência de descanso que se lia no seu rosto era a do descanso que Jesus dá a todo aquél que, cansado e atribulado, se chega para Ele. O Senhor deu-lhe, como Se agrada em fazer, muito mais do que Lhe pedia.

O seu movimento, embora tão leve, acordou Helena. Abrindo os olhos e vendo a irmã, disse-lhe com um sorriso alegre e animado: — Oh! Anita, parece que já estive quase no céu. «Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores (1. Tim. 1:15). Assim pois, Ele veio para me salvar a mim; estas palavras não excluem nenhuma pessoa pecadora, e mesmo aquél fato não tem nada que ver com EU me agarrar bem a Ele, ou serví-Lo bem, ou mesmo conhecê-Lo bem, embora eu gostava muito de O conhecer o melhor possível porque Ele diz das ovelhas: «Eu conheço-as», assim Ele conhece-me bem e também toda a minha maldade, e apesar disso, Ele diz: «Ninguém as arrebatará da Minha mão». Isto, sem dúvida, significa que nem eu me posso arrancar da Sua mão... Como Ele é bom! Sim, isto basta, com isto posso morrer em paz.

Os olhos de ambas se encheram de lágrimas de profunda e santa alegria, e ambas elevaram nos seus corações cânticos em ação de graças.

Em seguida, Anita perguntou — Visite isso logo, minha Helena?

— Não, não foi logo. Quando me leste os versículos eu senti que podia haver nêles alguma coisa boa para mim; tinha a certeza de que era o Senhor que me enviava aquela mensagem naquele momento, e desejei ficar a sós com Ele para que a minha dificuldade ficasse esclarecida. Então, fiquei tão perturbada como sempre, ou talvez ainda mais, porque tinha tido esperanças. Então, cheia de ansiedade, voltei às folhas do jornal para ver quem tinha tido o mesmo receio que eu à hora da morte, e os meus olhos leram estas palavras, uma ou duas páginas atrás; «Esta é uma palavra fiel e digna de tôda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores». Oh! como foi doce essa palavra 'pecadores'! «Se eu não sou uma das Suas ovelhas sou uma pecadora» disse eu em alta voz, e Jesus veio para salvar pecadores. Nem mesmo Satanaz me pode tirar esse nome, «uma pecadora», nem negar o direito o Senhor tem de me salvar... e aquela a quem Ele salva, Ele segura». Admiro-me de não ter visto isto mais cêdo, mas... Oh! Anita, que alívio é ter paz depois de sofrer tanta agonia.

Um sorriso quase celestial lhe iluminou o rosto, e tornou a fechar os olhos, e, embora não dormisse, ficou muito quietinha, como se estivesse absorvida na alegria que acabava de encontrar.

Durante algumas semanas ainda Helena viveu. Parecia que a compreensão da Palavra de Deus não só tinha dado luz à sua alma, no crepúsculo da vida, mas também força ao corpo, como se, por um pouco de tempo, a própria alegria do seu coração tivesse vencido o sofrimento e a fraqueza.

Um dia, depois de ela ter estado a falar muito seriamente de Jesus com uma jovem amiga, entrou a mãe, e vendo o seu olhar tão brilhante e animado, disse-lhe — Então, Helena,

parece-me que no fim de tudo ainda has-de ficar boa, minha filha.

Sim minha querida mãe, Jesus crou-me de tudo, — respondeu ela; — contudo não no sentido que a minha mãe diz. Eu vou para a terra onde os habitantes nunca mais dirão: «Estou doente», mas ainda melhor, eu vou para Jesus.

Helena não podia guardar só para si o tesouro que tinha encontrado: o seu coração estava cheio do desejo ardente de o transmitir a outros, de ser um meio de comunicação entre um Deus de bondade e corações necessitados. A vida era para ela uma realidade, a morte uma realidade, a eternidade uma realidade, e, acima de tudo, Cristo era uma realidade, e ela desejava ardente mente que aqueles que ela conhecia e amava não esperassem pela hora da morte para estarem dominados por estas realidades.

Passando um mês era evidente a todos que Helena ia rapidamente sucumbindo. Os sofrimentos eram tão grandes que Anita não podia desejar conservá-la mais tempo aqui. Mas a jovem enferma suportava tudo sem se queixar, tão diferente daquela Helena fatigada, inquieta e triste de algumas semanas atrás.

Era um pôr de sol quase tão lindo como aquela tarde cinco semanas antes, em que Helena tinha confessado à sua irmã o terror e desconsolo da sua alma. Ela pareceu recordar-se disso porque voltando o olhar para o brilhante poente, murmurou brandamente: «O crepúsculo... Jesus é a luz... A cidade não tinha necessidade de sol» Nada mais disse e um sorriso radiante de intensa satisfação lhe iluminou o rosto, fez um ligeiro movimento, deu um meio suspiro e o espírito libertado de Helena voou para estar na presença d'Aquêle que é a luz do Céu e que tinha sido à luz do seu jovem coração naquelas horas de sofrimento e morte.

## *Estudo sobre a primeira epístola aos coríntios*

### *Capítulo 6*

O Apóstolo Paulo, em Capítulo 6, censura outros dois males na Igreja. Os irmãos que tinham questões uns com os outros levavam seu caso perante o tribunal de justiça onde o juiz seria pagão. Era evidência da grande falta de amor fraternal e uma vergonha para a igreja e a fé cristã. O Apóstolo sugere que deviam escolher um irmão que podia agir como juiz ou mediador, resolvendo o caso. Há um ditado: «não se lava roupa suja em público», e o moral dêste ditado deve ser observado na igreja.

As vezes surge a questão: deve um crente processar um descrente? O capítulo não trata dum caso assim, mas geralmente será melhor não invocar a lei. Há casos, porém, em que seria quase necessário ou preferível fazer o apêlo à lei. Pode ser para poupar a honra ou a segurança de outras pessoas.

O segundo mal era ainda pior. A cidade de Corinto era conhecida como um poço de imoralidade e o pecado aqui censurado (mormente prostituição) era muito comum. Aparentemente alguns dos cristãos cairam no vício. O conselho é «FUGI». A razão dada é suficiente para fazer um cristão fugir de todo o vício. E' porque nossos corpos são templos do Espírito Santo e fomos comprados por BOM PREÇO. E' necessário notar a palavra NOSSO (corpo). Isto é o corpo do Apóstolo Paulo, homem espiritual e o dos irmãos de Corinto, muitos sendo carnais. O dom do Espírito é dado a todos comprados pelo «Bom Preço», e não era um prêmio alcançado por muita espiritualidade, como ensinam alguns irmãos.

## *Correspondência*

Desejamos terminar nossa discussão sobre o modo de batismo e ocupar o espaço com outros assuntos. Deixamos várias perguntas sem resposta pelo jornal, e acrescentamos apenas poucas palavras à nossa «Explicação» em número 71.

X  
Aspersão é uma herança do romanismo legada ao protestantismo. Não é o modo inaugurado por João Batista, nem mandado pelo Senhor Jesus quando disse aos apóstolos: «Ide, ensinai tôdas as nações, mergulhando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo». Também, não era o modo simbólico indicado pelo Apóstolo Paulo em Romanos 6. Preferimos seguir as Escrituras e o exemplo dos discípulos e da Igreja primitiva. Ninguém com conhecimentos da história eclesiástica é capaz de negar o fato que imersão era o costume na igreja primitiva e que a igreja romana mudou-a para aspersão. A evidência dos batistérios é inegável.

Tomemos uma ilustração. Um homem é acusado de certo crime. Seu advogado, em defesa perante o tribunal, afirma sua inocência. Ao fim do processo o acusado confessa o crime, dando provas que ele foi culpado. Apesar desta confissão seu advogado continua apaixonadamente a defesa de seu cliente, afirmindo sua inocência. O juri concorda e o homem sai justificado!

Em tempos passados os crentes no Brasil tinham certa razão para acreditar que o modo do batismo originalmente era por aspersão. Os ensinadores praticavam o rito assim. Durante os últimos anos, porém, escritores da igreja romana têm confessado que o modo era por imersão e que sua igreja mudou o método para aspersão. Que diz o «juri» (isto é, os batizadores protestantes do Brasil)?

São indignados pela confissão que a igreja romana foi culpada de tal inovação, embora admitida por romanistas. Referimo-nos às palavras do Padre Humberto Rohden em sua nota sobre Romanos 6:3 e sua tradução deste versículo. Referimo-nos, também, ao Dicionário-Enciclopédico Universal «Lello», uma obra moderna, que alguns crentes possuem, porque o artigo sobre o batismo é escrito por um católico romano e diz: «a princípio batizava-se mergulhando na água. Outrora o batismo não era conferido senão em idade avançada». Os irmãos que têm estudado a história da igreja sabem que no ano 348 o Bispo Cirilo de Jerusalém explicou exatamente como o batismo foi administrado — por imersão.

É este fato negado pelos historiadores protestantes? Muito ao contrário. Muitos crentes possuem a história da igreja por W. Walker traduzida em português, que confirma os fatos que afirmamos. Em «Mocidade Cristã» temos traduzido excertos das obras de vários dignitários da igreja protestante, todos aspersionistas (e não propagandistas) e os mais eruditos e competentes para escrever sobre êstes assuntos, do século passado. O resultado é que alguns leitores estão indignados com o jornal e seu redator pela informação. Será que êles sabem melhor do que os homens mais competentes no mundo?

Sendo êstes aspersionistas, teriam razão para esconder o fato que condena sua prática. Sua desculpa é que sómente crianças hoje em dia são batizadas por êles. Mas nossos críticos não fornecem um vestígio de evidência ao contrário do fato que o batismo originalmente na igreja primitiva era por imersão.

Alguns irmãos dizem: «Que impor-

ta o modo». Nossa resposta é: «Muda-se o símbolo e muda-se o ensino baseado no símbolo.» Como pode aspersão simbolizar a morte, sepultamento e ressurreição? O resultado é que o rito é tratado meramente como uma profissão de fé para entrar numa igreja como membro. Um jornal evangélico exprimiu bem a idéia geral onde se pratica aspersão: «O batismo é sómente uma profissão de fé!» Não negamos que é uma profissão de fé (Gál. 3:27), mas a palavra «sómente» exclui outras verdades.

Encerramos êste assunto repetindo o que já temos frisado, a saber: A fé da parte do batizado é muito mais importante do que o modo do rito. A aspersão duma pessoa com verdadeira fé, é válida. Imersão (pode ser administrada por homem mais santo) não vale nada quando o batizado não tem fé.

*Nota pessoal do redator.*

Depois de escrever o último parágrafo, antecipei uma pergunta que há de sugerir na mente de alguns leitores. Uma criancinha batizada não tem fé; é o rito válido nêste caso?

Vou responder do ponto de vista dum pedo-batista. Meu pai, há 60 anos, escreveu um livro em defesa de «Batismo Familiar», que tinha muita aceitação, e não tenho lido melhor no assunto. Eu fui imergido quando tinha poucos meses de idade. Não me lembro da ocasião, mas sei que não tinha fé em imersão e levantei altos protestos contra o rito, que não foram atendidos.

Posso, por isso, entender porque o modo foi mudado para aspersão quando o batismo de crianças tornou-se geral.

Segundo o livro de meu pai, o batismo dum filinho é considerado como ato de fé da parte dos pais cristãos e uma espécie de compromisso para treinar o filho na admoestação do Senhor. O rito não influiu em minha conversão, mas meus pais eram fiéis em seu compromisso. Leitores que não crêem no batismo de criancinhas devem me perdoar quando digo que eu respeito a fé dos meus pais neste caso. A fé foi provada pela boa obra de treinar a família na fé cristã, até que todos foram convertidos.

W. Anglin

## *Parque o pregador demorou*

Um certo pregador, conhecido pelo poder da sua pregação, não apareceu na hora de começar a reunião, a Casa de Oração estando cheia de ouvintes. Será que ele se esquecera da hora? Mandaram um menino para chamá-lo. Poucos minutos depois, o menino voltou e disse que o pastor não vinha. «Porque pensas assim, menino?» perguntaram-lhe. O rapazinho explicou que, não encontrando alguém na porta da casa, e ouvindo uma voz por dentro, entrou, escutou fora da porta do quarto e ouviu o pastor conversar com alguém, dizendo: «Se tu não fores comigo, não irei». Não ouviu a outra pessoa responder, e por isso, julgou que o pastor não iria. Os anciãos sorriram e disseram: «O pastor virá brevemente, acompanhado pelo «Outro». Poucos minutos mais tarde apareceu o pregador com o rosto iluminado e no púlpito foi manifestado pelo poder da mensagem que o «Outro» o acompanhava.

## *Pergunta e Resposta*

**PERGUNTA 1.** Será que os fariseus realmente mergulhavam-se em água, ou tomavam banho, depois de cada visita ao mercado (Marcos 7:4)?

**RESPOSTA.** A Palavra empregada em Marcos 7:4 é equivalente à nossa palavra «batizar». Os fariseus costumavam tomar banho ou batizar-se depois de visitar o mercado, porque ali faziam contato com gentios. A idéia de seu batismo era baseada na cerimônia exigida pela Lei (Números 19) quando um Israelita tocava um cadáver, ele precisava observar duas cerimônias: primeiro a aspersão de cinzas e depois o banho dos vestidos e do corpo em água. Em Hebreus 9:10 êstes banhos são chamados «baptismos» (ablucões em Almeida). Os fariseus desejavam obter um bom nome por santidade e seriam indignados com qualquer sugestão de que, realmente, não tomaram banho nestas ocasiões, mas não havia testemunhas para verificar como eles mergulharam seus corpos! É provável que visitaram o mercado tão pouco possível e mandariam um criado em seu lugar, porque tal não precisava tomar banho. Sómente os fariseus observavam a regra e a cerimônia de lavar as mãos bastava para outros judeus (Marcos 7:3).

Se o leitor descobrir o que julga ser exceção à regra que batismo significa mergulho, deve lembrar-se do ditado «Exceções provam que há regra».

### **EXPEDIENTE**

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editória Evangélica, Teresópolis, E. do Rio  
Editor responsável José Ferreira de Andrade